



Dos bebedouros quebrados à política de permanência insuficiente: A universidade está toda sucateada e precarizada

As aulas começaram e a situação no campus central da UFSC encontra-se pior do que no final do período letivo de 2015. Tem-se a impressão geral de que neste ano, ao contrário dos anteriores, a administração universitária não se deu nem ao trabalho de maquiagem os problemas aparentes para, pelo menos, causar uma boa primeira impressão na calourada. Esse primeiro semestre de 2016 vem sendo marcado não apenas pelo corte orçamentário bilionário na educação federal, mas também pela arte de “tacar o foda-se” (já esperado por ser o fim do mandato de uma reitoria que não possui mais perspectiva de se reeleger). Mesmo assim, a atual gestão da universidade vem conseguindo impressionar diariamente, não só a calourada, mas também a totalidade da comunidade, com diversas surpresas como: filas quilométricas no R.U, farinha no lugar do arroz, mictórios interditados, banheiros sem papel, falta de álcool e/ou sabonete para higienização das mãos (em tempos de h1n1), computadores parados por falta de manutenção, bebedouros sem funcionamento, estudantes sendo obrigados a dormir em frente a PRAE para garantir encaixe no próximo atendimento pela manhã, e por aí vai... Se fôssemos listar todos os problemas gastaríamos papel demais – e papel é um artigo em falta em alguns centros da UFSC.

Ao contrário das burocracias estudantis, que gastam força defendendo o governo ou pedindo eleições gerais, entendemos que a tarefa do momento é reorganizarmos o movimento estudantil pela base, a partir do levantamento dos

problemas que atingem nossas salas de aula ou turmas. Em seguida, unificarmos nossas reivindicações com as das outras turmas de nosso respectivo centro acadêmico para, a partir dessa união, pressionarmos as direções de centro até conquistarmos desde bebedouros que funcionem até verba para construção de novos laboratórios em nossos centros. A luta, porém, não deve parar em nossos centros. A próxima tarefa deve ser a unificação de nossas forças e reivindicações: turma com turma, curso com curso, centro com centro, universidade com universidade e estudantes universitários com outros setores e movimentos sociais. Assim obteremos força para pressionar direções de centro, reitorias, Ministério da Educação, monopólios empresariais e governos.

Somos convictos de que política não se faz de forma simplista, se resumindo em apoiar ou votar em X ou Y, mas sim de que fazer política é lutarmos *nós por nós mesmos*. Ou seja, construir um projeto de poder de baixo para cima, da periferia para o centro, do local para o nacional, do bebedouro para a resistência contra o Plano Nacional da Educação e o ajuste fiscal do Governo Federal. A partir deste princípio de construção *pela base*, devemos organizar grupos de ação em nossas turmas e centros acadêmicos para cobrar a solução imediata de problemas específicos (falta de papel, bebedouros, etc.) sempre os interligando à questão local e nacional, que hoje se traduz economicamente no ajuste fiscal e politicamente nessa polarização fantasiosa entre os projetos políticos da direita e da esquerda reformista.

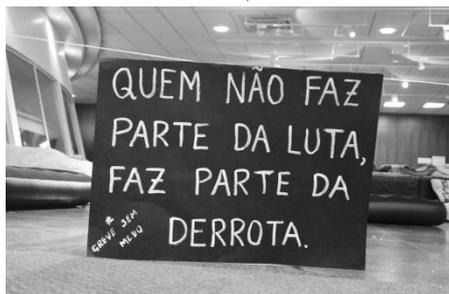


construcaoclassistaecombativa@gmail.com

recomendamos: www.lutafob.wordpress.com

Falsa polarização e o desmonte da educação pública: fortalecer a luta autônoma!

Enquanto a TV e as forças políticas nos distraem com o debate impeachment *versus* golpe, a situação da Educação em todo o país se encontra precarizada. As Universidades sofrem com a redução de bolsas de graduação e pós-graduação, além de infraestrutura que não atende as necessidades e nem o número de estudantes; estudantes sofrem com assistência estudantil limitada e burocratizada; trabalhadores sofrem com assédio e condições de trabalho cada vez piores. Nas escolas públicas é semelhante: infraestrutura



Ocupação de professores na ALESC

lastimável, fechamento de escolas, superlotação de salas, docentes com remuneração baixa e carga horária excessiva, e ainda toda a desorganização institucional, não abertura de edital para contratação de docentes, implementação da terceirização da gestão de escolas pelas Organizações Sociais (OS), etc. Em meio a isso, diversas lutas têm surgido no país, o que demonstra a precariedade generalizada da educação pública. São exemplos; as ocupações de escolas em São Paulo, a luta contra as OS's em Goiás, e recentemente, as ocupações de escolas estaduais no Rio de Janeiro que vêm crescendo a cada dia em conjunto com a greve dos docentes que está em curso. Além disso, as políticas de precarização destroem a carreira dos profissionais da educação, como no caso do magistério catarinense. Quando existe resistência à esta política, o Estado e as instituições utilizam-se da brutal repressão policial, como ocorreu há quase um ano contra os professores do Paraná, contra secundaristas, ou quando a reitoria, em uma reintegração de posse, enviou dezenas de policiais para expulsarem

estudantes da moradia estudantil na UFSC.

Enfim... Não há luta a se criar, ela já está aí!! Temos de construir alternativa pela base. E enquanto muitos se empenham na defesa de princípios abstratos ou métodos ineficazes numa estrutura viciada, a realidade se mostra clara: corte de mais de 10 bilhões e privatizações na Educação, ajuste fiscal, lei antiterrorismo, ataque aos direitos trabalhistas, PL5069 sobre a pílula do dia seguinte, PL4330 da terceirização, PEC215 de demarcação das terras indígenas etc, etc. Todos os governantes e burgueses estão unidos para “sambar” em nossas caras e aplicar todas essas medidas que atingem diretamente a vida de tod@s nós explorad@s.

Então, em meio a tanto lixo, em qual urubu devemos confiar? Em um governo que aprova lei antiterrorista, encarcera militantes, favorece a bancada ruralista, fecha os olhos para os assassinatos de camponeses e indígenas, coloca a polícia nas nossas comunidades, investe bilhões na instituição responsável pelo genocídio da juventude negra, precariza as condições de trabalho e estudo do povo através de cortes bilionários na educação e retirada de direitos históricos d@s trabalhador@s? Ou será que devemos confiar em uma ‘oposição’ que apoiou todas essas medidas anti-povo realizada pelo governo e que pretende retornar para “fuder” com a classe trabalhadora muito mais do que fez em governos anteriores?

Para nós, a única opção é confiar em nós mesmos, na força do povo, ou seja, a única saída é se organizar a partir de nossas bases (locais de estudo, trabalho e moradia) e assim construirmos a resistência contra os ataques deste governo, dos próximos governos e também do oportunismo eleitoreiro dos partidos de esquerda e direita.

Não Vote. Organize-se e Lute!